

CB  
416/98 18  
86

# ONGs brigam entre si

Ronaldo Brasiliense  
Da equipe do **Correio**

A criação de novas unidades de conservação na Amazônia, defendida pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF), é uma proposta aprovada de forma unânime por todas as organizações não governamentais do mundo, certo?

Errado. A reação contra a criação de novas áreas de florestas protegidas parte justamente das populações extrativistas da região Norte — seringueiros, castanheiros e ribeirinhos, principalmente — que foram excluídas das discussões sobre a ampliação das unidades de conservação na Amazônia brasileira.

As principais ONGs da Amazônia denunciam em carta ao presidente Fernando Henrique, ao príncipe Philip, da Inglaterra — presidente de honra do WWF —, e ao presidente do Banco Mundial a exclusão das organizações representativas dos “povos da floresta” e pedem que sejam reavaliados os critérios para a criação de novas unidades de conservação na Amazônia. Para atingir a meta de 10% da Amazônia protegida, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) teria que criar unidades de conservação em área equivalente a 25 milhões de hectares. O programa para se criar novas áreas protegidas foi proposto pelo WWF e endossado pelo governo do Brasil

O WWF quer que, até a virada do milênio, 10% da floresta tropical úmida amazônica estejam protegidos por unidades de conservação. Na avaliação do WWF, com 10% de área preservada seria possível garantir a biodiversidade. Mas ONGs de conceito na Amazônia como o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) — fundado pelo líder ambientalista Chico Mendes — e o Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), que congrega mais de 300 ONGs amazônicas, resolveram bater de frente com a proposta do WWF.

“Contradizendo todos os discursos da atual presidência do Banco Mundial, esta decisão não contou com nenhum tipo de participação das organizações representativas das populações extrativistas que habitam a Floresta Amazônica”, acusa Atanagildo Matos, presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros. “Inexplicavelmente, a proposta deixa de lado a criação de novas reservas extrativistas”, acrescenta.

O diretor do WWF no Brasil, Garo Batmanian, estranha as acusações. “Deve ser um mal entendido. Não existe antagonismo. Nós defendemos a proteção de 10% da Floresta Amazônica como unidades de conservação de uso indireto, mas em nenhum momento colocamos qualquer restrição à criação de novas reservas extrativistas”, afirma Batmanian.